



© HarperCollins Publishers Ltd

David Walliams

David Walliams nasceu em Inglaterra em 1971, e é um ator britânico de comédia, conhecido pela parceria com Matt Lucas, na série *Little Britain*.

Em 2008, tomou o mundo da literatura infantil de assalto. *Avozinha Gângster* entrou diretamente para o primeiro lugar no top britânico e vendeu mais de um milhão de exemplares até à data.

David é atualmente o autor de crescimento mais exponencial no Reino Unido, com os seus livros traduzidos em 34 línguas e mais de 2 milhões de exemplares vendidos no Reino Unido.

Os livros do autor obtiveram um impacto sem precedentes na crítica, que o compara a um dos mais emblemáticos autores de sempre no género, Roald Dahl.

Quem já leu, diz...

“Uma leitura divertida, com um final inesperado.”

The Sun

“Muito engraçado... uma história cómica e comovente.”

Daily Express

«Nesta preciosidade de livro, Walliams equilibra comédia de qualidade com uma mensagem emotiva.»

Daily Mail

Agora, experimenta tu!



Ovo molhado e frio

Se Ben não se tivesse lembrado de levar a sua revista consigo, aquela sexta-feira teria sido tão espetacularmente entediante quanto a anterior. Mais uma vez, a mãe e o pai despejaram o seu único filho em casa da avó.

Mal chegou, Ben apressou-se a ir para o quartinho húmido e frio, fechou a porta e leu a última edição do *Semanário de Canalização* de uma ponta à outra. Havia um guia espetacular, com montes e montes de fotografias a cores, que mostrava como instalar a novíssima geração de caldeiras combinadas. Ben dobrou o canto da folha. Já sabia o que queria para o Natal.

Quanto acabou de ler a revista, o rapaz suspirou e dirigiu-se à sala. Ele sabia que não podia ficar no quarto a noite toda.

A avó olhou para ele e sorriu quando o viu.

– Hora do *Scrabble!*– exclamou, exibindo a caixa do jogo.

Na manhã seguinte, o ar estava pesado, de tanto silêncio.

– Mais um ovo cozido? – ofereceu a avó, sentada na sua pequena cozinha decadente.

Ben não gostava de ovos cozidos e ainda não tinha acabado o primeiro. A avó conseguia estragar até o prato mais simples. O ovo saía aguado e as fatias de torrada ficavam reduzidas a cinzas. Quando a senhora não estava a olhar, Ben lançava o ranho do ovo pela janela com a colher e escondia as fatias de torrada atrás do radiador. Já devia haver uma padaria inteira lá atrás.

– Não, obrigado, avó. Estou mesmo cheio – respondeu Ben. – O ovo estava delicioso, obrigado – acrescentou.

– Mm... – murmurou a senhora, não muito convencida. – Está frescote. Vou pôr mais um casaco de malha – disse ela, apesar de já estar a usar dois. A avó arrastou-se para fora do quarto, continuando com o seu *quá-quá* à medida que seguia.

Ben lançou o resto do ovo pela janela e tentou encontrar outra coisa para comer. Ele sabia que a avó escondia as bolachas de chocolate na prateleira de cima da cozinha, porque

dava-lhe uma sempre que fazia anos. De vez em quando, Ben ia lá buscar uma, quando as especialidades à base de couve da avó o deixavam com uma fome de lobo.

Rapidamente, deslizou a cadeira até ao armário e subiu para conseguir chegar às bolachas. Pegou na lata, uma enorme caixa de sortido comemorativa do Jubileu de Prata de 1977, que exibia um retrato bastante arranhado e baço de uma jovem Rainha Isabel II na tampa. Parecia muito pesada. Mais pesada do que o habitual.



Que estranho.

Ben abanou um pouco a lata. Não parecia ter bolachas lá dentro. Parecia ter pedras ou berlindes.

Ainda mais estranho.

Ben tirou a tampa.

Ficou pasmado, a olhar.

E, depois, olhou um pouco mais.

Não conseguia acreditar no que via lá dentro.

Diamantes! Anéis, pulseiras, colares, brincos, todos com diamantes grandes e brilhantes.

Diamantes, diamantes e mais diamantes!

Ben não era nenhum perito, mas achou que deveria haver milhares de euros em joias na lata das bolachas – talvez até milhões.

De repente, ouviu o *quá-quá* da avó a dirigir-se para a cozinha. Desesperadamente, conseguiu tapar a lata e voltar a pô-la na prateleira. Saltou da cadeira, arrastou-a para a mesa e sentou-se.

Ao olhar para a janela, reparou que o ovo que tinha atirado não tinha voado pela janela, mas estava espalhado pelo vidro. Se secasse, a avó precisaria de um maçarico para o tirar. Correu para a janela e chupou o ovo molhado e frio do vidro, voltando logo a sentar-se. Era demasiado horrível para engolir e assim, em pânico, ficou com ele na boca.

A avó entrou finalmente na cozinha, já com o seu terceiro casaco de malha vestido.

E sempre a fazer *quá-quá*.

– É melhor vestires o casaco, rapaz. A mamã e o papá devem estar mesmo a chegar – disse, com um sorriso.

Com esforço, Ben engoliu o ovo frio. Que lhe deslizou pela garganta abaixo. *Blhec, blhec* e mais *blhec*.

– Sim – respondeu ele, cheio de medo de vomitar e voltar a pintar a janela de ovo.

Mexido!

**

Sacos de Estrume

– Hoje posso ficar em casa da avó outra vez? – perguntou Ben, do banco de trás do pequeno carro castanho dos pais. Os diamantes na lata das bolachas intrigavam-no e estava desesperado por fazer algum trabalho de detetive. Talvez até vasculhar todos os cantos da casa da senhora. Era tudo tão misterioso... Raj tinha-o avisado de que a avó dele podia ter um segredo ou dois. E parece que estava certo! Qualquer que fosse o segredo da avó, tinha de ser espetacular para explicar a presença de tantos diamantes. E se ela tivesse sido, em tempos, milionária? Ou se tivesse trabalhado numa mina de diamantes? Talvez os tivesse herdado de uma princesa... Ben mal podia esperar para descobrir.

– O quê? – perguntou o pai, espantado.

– Mas tu disseste que ela era uma chata – continuou

a mãe, igualmente espantada e até irritada. – Tu disseste que todas as pessoas velhas são chatas.

– Estava a brincar – respondeu Ben.

O pai de Ben estudou o filho pelo espelho retrovisor. De certa forma, já achava difícil perceber um jovem obcecado por canalizações. Mas, desta vez, ele não estava a fazer sentido nenhum.

– Mmmm... bem... se tens a certeza, Ben.

– Tenho a certeza, pai.

– Eu ligo-lhe quando chegarmos a casa. Só para confirmar que ela não vai sair.

– Sair! – troçou a mãe. – A velha não sai há 20 anos!
– acrescentou, com uma risada.

Ben não percebeu muito bem porque é que isso tinha piada.

– Eu levei-a ao jardim daquela vez – protestou o pai.

– Isso foi só porque precisavas de alguém para te ajudar a carregar aqueles sacos de estrume – ripostou a mãe.

– Mesmo assim, teve um dia em grande – disse o pai, parecendo amuado.

Mais tarde, Ben sentou-se sozinho na cama. A mente dele estava a mil!

Onde teria a avó arranjado aqueles diamantes?

Quanto poderiam valer?

Porque vivia ela naquela casinha triste, se era tão rica?

Ben pensava e pensava, mas não encontrava respostas.

Então, o pai entrou no quarto.

– A avó vai estar ocupada. Disse que gostava muito de estar contigo, mas hoje à noite vai sair – anunciou ele.

– O quê?! – balbuciou Ben. A avó raramente saía e Ben tinha visto o calendário dela. O mistério estava cada vez mais misterioso...

Uma pequena peruca num frasco

Ben estava escondido nos arbustos à porta da casa da avó. Enquanto os pais viam o *Danças só com Estrelas* lá em baixo, na sala, Ben desceu pelo cano do lado de fora da janela do quarto e percorreu de bicicleta os oito quilómetros até casa da avó. Ben não gostava de andar de bicicleta, o que mostrava bem quão curioso estava acerca da avó. Os pais estavam sempre a dizer-lhe para fazer mais exercício. Diziam-lhe que estar em forma era absolutamente necessário para se tornar um dançarino profissional. Visto que isso não fazia diferença para quem precisasse de se deitar debaixo de um lavatório e atarraxar um cano de cobre novo, Ben nunca tinha feito exercício por iniciativa própria.

Até agora.

Se a avó ia mesmo sair pela primeira vez em anos, Ben

tinha de saber aonde ia. Podia ser a chave para descobrir como tinha ela tantos diamantes na lata de bolachas.

A bufar e a soprar, seguiu o caminho ao longo do canal na sua bicicleta velha, até chegar a Grey Close. E porque era novembro, em vez de estar coberto de suor, Ben estava só ligeiramente húmido.

Pedalou rapidamente, porque sabia que não tinha muito tempo. O *Danças só com Estrelas* parecia durar horas e até dias, mas Ben tinha demorado meia hora até chegar a casa da avó, e logo que o programa acabasse, a mãe chamá-lo-ia para jantar. Os pais de Ben adoravam todos os programas de Dança – como *Dançando no Gelo*, *Achas que sabes dançar um bocadinho?* –, mas eram mesmo obcecados com o *Danças só com Estrelas*. Tinham todos os episódios gravados e uma coleção incomparável de *merchandising* do programa, incluindo:

- Uma tanga verde lima usada por Flavio Flavioli, encaixilhada juntamente com uma fotografia dele a usá-la
- Um marcador de livros do *Danças só com Estrelas* feito de pele falsa verdadeira

- Uma pomada para o pé de atleta assinada pela parceira de dança de Flavio, a beleza austríaca Eva Bunz
- Caneleiras oficiais do *Danças só com Estrelas*, para homem e para mulher
- Um CD de músicas que quase foram usadas no programa
- Uma pequena peruca (dentro de um frasco), usada pelo apresentador, Sir Dirk Doddery



- Uma imagem recortada em cartão de Flavio Flavioli, em tamanho real, besuntada com o batom da mãe na boca.
- Um pouco de cera de ouvido (num frasco) que tinha pertencido a uma participante famosa, a política Rachel Prejudice

- Um par de meias-calças que cheiravam a Eva Bunz
- Uns rabiscos num guardanapo, ilustrando um rabo de um senhor, feitos pelo juiz desagradável, Craig Malteser-Woodward
- Uma coleção de copos para ovo
- Meio tubo de cera automóvel *Raxjex* usado para abri-lhantar Flavio Flavioli
- Um boneco de Craig Malteser-Woodward
- Uma crosta de piza havaiana, que tinha sido comida por Flavio (juntamente com uma carta de autenticidade assinada por Eva Bunz)

Era sábado, portanto, depois de o programa acabar, a família ia comer feijões gratinados e salsichas. Nenhum dos pais sabia cozinhar e, de todas as refeições pré-feitas que a mãe tirava do congelador, picava com um garfo e punha no micro-ondas durante três minutos, aquela era a preferida de Ben. Ben estava com fome e queria chegar a tempo de a comer – o que queria dizer que tinha de regressar rapidamente da casa da avó. Se fosse uma segunda-feira à noite e fossem comer Lasanha

de Galinha Tikka, ou uma quarta-feira e fossem comer Pizza Doner Kebab, ou até domingo em que o menu era Pudim de Yorkshire Chow Mein², Ben nem se incomodava tanto.

Caía a noite. Como era final de novembro, estava a ficar cada vez mais frio e mais escuro, e Ben tremia enquanto espiava a avó, escondido nos arbustos. *Onde será que ela vai?*, perguntava-se Ben. *Ela raramente sai.*

Então, o rapaz percebeu uma sombra a mexer-se dentro de casa. Nessa altura, a avó veio à janela e Ben escondeu-se rapidamente. Os arbustos mexeram-se. *Chiu!*, pensou Ben. Será que a senhora o tinha visto?

Alguns momentos depois, a porta da frente abriu-se devagar e saiu alguém completamente vestido de preto. Camisola preta, calças justas pretas, luvas pretas, meias pretas e provavelmente cuecas e sutiã pretos. Um passa-montanhas preto escondia a face, mas Ben conseguiu ver que era a avó. Mais

² A cadeia de supermercados onde o pai de Ben trabalhava gostava de unir a culinária de dois países numa embalagem de ir ao micro-ondas. Ao combinar pratos de diferentes países, talvez fosse possível trazer paz a um mundo profundamente dividido. E daí, talvez não...

parecia alguém saído das capas dos livros que ela adorava ler. A senhora montou a mota para idosos e acelerou.

Para onde iria?

E, mais importante, porque estaria ela vestida como um ninja?

Ben encostou a bicicleta aos arbustos e preparou-se para seguir a avó, coisa que nunca na vida tinha imaginado fazer.

Tal como uma aranha a escapar-se pela casa de banho para não ser vista, a avó guiava a mota rente às paredes. Ben seguia atrás dela a pé, o mais silenciosamente que lhe era possível. Não era assim tão difícil acompanhar, visto que a velocidade máxima da *scooter* de mobilidade era de seis quilómetros por hora. Zunindo pela rua fora, a avó olhou para trás de repente, como se tivesse ouvido qualquer coisa, e Ben saltou para trás de uma árvore.

O rapaz esperou, sustendo a respiração.

Nada.

Depois de alguns minutos, espreitou por detrás do tronco e viu que a avó tinha chegado ao fim da rua. Continuou a perseguição.

Em breve estavam perto da avenida principal da cidade. Estava completamente deserta. Era o início da noite, mas as lojas já tinham fechado e os bares e restaurantes ainda não estavam abertos. A avó evitava as luzes dos postes de iluminação e saltava de porta em porta, aproximando-se do seu destino.

Ben ficou pasmo quando viu onde ela tinha estacionado. Diante da joalheria.



Na montra cintilavam colares, anéis e pulseiras. Ben nem conseguia acreditar quando viu a avó tirar uma lata de sopa de couve do cesto da mota. De uma forma teatral, a avó olhou em volta e deu lanço ao braço, pronta para estilhaçar a montra da loja com a lata.

– Nãããooooo! – gritou Ben.

A avó deixou cair a lata, que se espatifou no chão, espalhando sopa de couve pelo passeio.

– Ben? – sussurrou a avó. – O que estás aqui a fazer?